

humanitas

Vol. XIX Ž J

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XIX E XX



COIMBRA
MCMLXVII-LXVIII

Saliente-se, a terminar, a existência de três apêndices que valorizam esta edição pelos elementos que fornecem para um cabal esclarecimento dos textos: em 1.º lugar, os fragmentos dum discurso fundamental, pronunciado por Cícero em 64 a.C., com o título de «In senatu in toga candida»; depois, um extenso fragmento do poema ciceroniano «De consulatu suo»; por fim, o texto famoso em que Salústio traça o perfil de Catilina no cap. 5.º da sua obra «De coniuratione Catilinae».

Notas abundantes de carácter gramatical e estilístico enriquecem esta edição, que vem ocupar um lugar especial na série latina da bem conhecida colecção «Érasme».

M. O. P.

JOHAN HENRIK SCHREINER — Aristotle and Perikles. A Study in Historiography. «Symbolae Osloenses», Fasc. Supplet. XXI, Osloae, in aedibus Universitetsforlaget, 1968, 138 pp.

Este trabalho, nascido dum seminário consagrado à parte histórica da *Athenaion Politeia* de Aristóteles, está orientado para o esclarecimento de um problema particular: a concepção aristotélica da figura de Péricles. Através de uma investigação densa no domínio difícil da obra dos atidógrafos, demanda o A. metódicamente o seu objectivo e as conclusões que vai tirando excedem largamente o propósito inicial. Realiza-se uma espécie de esboço da evolução da historiografia ateniense, anterior a Aristóteles, em torno de alguns tópicos fundamentais da história política de Atenas. O aproveitamento do pouco que se sabe sobre a obra de autores como Cleidemo, Andrótion e Fanodemo, que assumem um relevo especial na compreensão do pensamento aristotélico sobre a história ateniense, é feito com prudência e argúcia dignas de nota. Trata-se, no entanto, de um trabalho de reconstrução, por vezes aventuroso, dado que se baseia num postulado que não pode ser aplicado sempre e sem discriminação: o de que cada atidógrafo toma, em matérias controversas, posição contrária ao imediatamente anterior (p. 19).

A págs. 92-3 analisa o A. as duas visões de Péricles que nos chegam da Antiguidade: a ateniense e a de cidadãos de outras cidades da Grécia. A 1.ª é naturalmente favorável ao grande homem político e vamos encontrá-la, por ex., em Tucídides, Isócrates, Lísias e Demóstenes. Platão ocupa um lugar aparte neste contexto porque os seus elogios a Péricles aparecem-nos misturados com críticas: ver a este respeito, em especial, o *Górgias* com a sua condenação da política imperialista de Atenas. A comédia ática, particularmente Cratino, toma frequentemente Péricles como alvo da sua sátira, mas é de considerar aqui que a atitude normal da comédia em relação ao governo é de franca oposição. De um modo geral, no entanto, a tendência mais visível na comédia ática, em especial depois da morte de Péricles, foi de elogio ao estadista, de acordo com a orientação mais seguida pelos historiadores atenienses. No caso particular de Aristóteles, demonstra Schreiner que o retrato de Péricles na

Athenaion Politeia é «uma estranha mistura do panegírico de Andrótion e das críticas de Fanodemo» (p. 97). O recurso a outras obras de Aristóteles em que há referências a Péricles não modifica a situação. Mantém-se a mesma imagem inconsistente, que o A. atribui a uma secreta animadversão do Estagirita à orientação política de Péricles que levou ao estabelecimento da oclocracia (p. 99). A conclusão deste excelente trabalho, dada no *Epilogo*, é uma forma de homenagem ao método de trabalho de Aristóteles: a dificuldade em traçar um retrato consistente de Péricles resulta do carácter contraditório dos testemunhos. Se Aristóteles seguisse apenas um autor, de entre os que se ocuparam do famoso político ateniense, não se veria a braços com complicações. Mas o grande investigador tem a preocupação da consulta exhaustiva das fontes, ainda que tal orientação possa dificultar um entendimento claro das figuras e dos acontecimentos do passado.

M. O. P.

LUCIANO CANFORA — Per la Cronologia di Demostene. Adriatica Editrice Bari, 1968, 120 pp.

Contrariamente à opinião tradicional que situa a 4.ª *Filípica* e o discurso *Sobre o Quersoneso* em 341 a.C., retoma o A. a tese de Blass sobre a falta de unidade da 4.ª *Filípica* para concluir pela definição desta obra como uma espécie de centão de textos de várias épocas, realizado por um falsário pre-alexandrino, editor dos discursos de Demóstenes. Os principais argumentos invocados não têm, porém, a força demonstrativa que lhes atribui o A.. Assim, a característica de prómio, afirmada com particular insistência em relação aos parágrafos 46 e 49, e a existência de um epílogo a meio da oração não bastam para se concluir pela junção arbitrária de passos cronologicamente diversos numa composição de feição aparentemente unitária. A unidade dum discurso não exclui a sua divisão em secções que podem constituir pequenas unidades de sentido dentro duma unidade maior. Também não satisfaz o argumento de que é a 4.ª *Filípica* o único exemplo de utilização da invectiva pessoal numa «demegoria». Porque haveriam de obedecer a um figurino único as «demegorias» do orador?

A posição adoptada perante esta questão da autenticidade da 4.ª *Filípica* afecta, naturalmente, o problema da relação entre este discurso e o discurso *Sobre o Quersoneso*. E assim vemos que a teoria do A. sobre a composição da 4.ª *Filípica* obriga a admitir uma refundição do discurso *Sobre o Quersoneso* posterior ao trabalho do citado falsário pre-alexandrino, dado que a análise dos passos comuns aos dois discursos revela a anterioridade da 4.ª *Filípica*. Estamos, evidentemente, no domínio das puras suposições.

Um último capítulo deste livro é dedicado ao problema da data do processo da Coroa. Não obstante o esforço desenvolvido pelo A., não é convincente a sua argumentação destinada a invalidar os testemunhos de Dionísio e Plutarco, que

situam o *De Corona* demosténico em 330 a.C.. O facto de Demóstenes, por ex., não aludir ao número de anos decorridos entre a apresentação da *γραφὴ παρ'ἀνόμων* e a realização do processo da Coroa não é motivo para suspeitar dos referidos testemunhos e dos indícios internos fornecidos pelo discurso de Ésquines, que apoiam a datação tradicional.

Em conclusão, este livro de L. Canfora é um ensaio estimulante sobre alguns pontos controversos da cronologia demosténica e, na corajosa independência dos juízos formulados, é obra digna da atenção dos estudiosos de Demóstenes.

M. O. P.

LEIF BERGSON — *Der griechische Alexanderroman: Rezension β*. «Acta Universitatis Stockholmiensis», Uppsala, 1965, XXXVI + 210 pp.

Depois de uma análise pormenorizada dos vários manuscritos em que nos foi transmitido o *Romance de Alexandre*, procede o A. à tarefa essencial e complexa de estabelecer as relações entre estes manuscritos de molde a obter uma base segura para a sua edição da «recensão β» da referida obra.

Relativamente aos manuscritos BFVLC e contrariamente à opinião de A. Charles, expendida a págs. 1238 do vol. 14 da «Revue Belge de Philologie et d'Histoire» (1935), de que não é possível aqui «elaborar um stemma ou mesmo entrever grupos», demonstra L. Bergson a existência de dois grupos de manuscritos: de um lado, BMFK; de outro lado, VLS(QP). A multiplicidade das contaminações existentes entre estes dois grupos torna, porém, complicada e inútil a organização de um stemma.

O objectivo do A., ao meter ombros a esta edição, é restituir, na medida do possível, o arquétipo de BFKVL (p. XXVII). À comodidade de basear a edição num só manuscrito de valor, por ex. B, prefere, criteriosamente, o A., dada a imperfeição do texto de B, apresentar um texto construído a partir do confronto dos vários manuscritos existentes, solução que deverá, com todos os seus riscos, aproximar-nos tanto quanto possível do texto original. Salienta a propósito o A. a importância do manuscrito K que, com B, constituem o fundamento da presente edição. A concordância de K com B nos aspectos mais salientes e positivos da tradição manuscrita confere autoridade a esta orientação. Não hesita, porém, o A. em recorrer ao testemunho de outros manuscritos sempre que a qualidade do texto de K e B impõe a necessidade de correcção.

Uma bibliografia muito completa e especializada conclui a *Introdução*, a que se segue o texto grego do *Romance de Alexandre*, acompanhado de um aparato crítico particularmente rico. Neste aparato incluem-se muitas conjecturas do presente editor e de outros editores sobre o texto original em relação àqueles pontos em que a alteração do texto primitivo é visível.

O texto desta edição apresenta, pois, as características dum texto conservador, em que, muito sensatamente, se renuncia a correcções ousadas, insusceptíveis de prova, dentro da limitação dos manuscritos que a tradição nos legou.

M. O. P.

Euripidis Helena, edidit K. ALT. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Lipsiae in aedibus B. C. Teubneri, 1964, XVI + 67 pp.

Esta edição crítica da *Helena* de Eurípides, publicada em 1964 na *Bibliotheca Teubneriana*, é um trabalho de grande erudição, assente numa bibliografia muito vasta e actualizada. A simples menção das edições consultadas, cujas datas vão de 1503 (*Aldus, Venetiis*) até 1956 (*R. Argenio, Romae-Neapoli*), comportando um total de 42 títulos diferentes, dá uma ideia da amplitude da perspectiva em que se colocou o crítico para a elaboração deste trabalho. Os estudos, citados sob a rubrica *Dissertationes*, incluem, ao lado de trabalhos de índole geral sobre a obra euripídica, investigações especializadas sobre aspectos particulares da *Helena*, no domínio da métrica, do estilo ou da crítica textual.

O prefácio da edição é consagrado ao problema da transmissão manuscrita da *Helena*, que se situa no número das peças chamadas alfabéticas de Eurípides. O problema complicado da relação entre os manuscritos L e P obtém da parte do A. uma solução concordante com a de Wilamowitz e Murray, recentemente apoiada por Alexander Turyn, no seu famoso livro *The Byzantine Manuscript Tradition of the Tragedies of Euripides* (Urbana, 1957). Esta teoria, que considera «gemelli» os referidos manuscritos, foi, contudo, decisivamente impugnada por Zuntz, no seu notável estudo *An Inquiry into the Transmission of the Plays of Euripides*, publicado em 1965. Demonstrou este A., de forma cabal, que P é, afinal, cópia de L, no que respeita às peças alfabéticas.

A publicação em 1964 desta edição da *Helena*, a cargo de K. Alt, não podia, portanto, beneficiar das conclusões de um livro que só em 1965 viu a luz. Mas o facto de a posição de K. Alt, em relação a este problema da transmissão manuscrita, se revelar débil em virtude das investigações realizadas por Zuntz, não afecta grandemente o mérito do texto estabelecido neste volume, cujo aparato crítico se caracteriza por uma excepcional riqueza de informação.

M. O. P.